

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

LUCAS DE ARAUJO PORTO MARTINS

**AS DESIGUALDADES SOCIAIS DE REFICE NA VISÃO DO CINEMA
PERNAMBUCANO NO SÉCULO XXI**

VIÇOSA, MG - 2019

LUCAS DE ARAUJO PORTO MARTINS

**AS DESIGUALDADES SOCIAIS DE REFICE NA VISÃO DO CINEMA
PERNAMBUCANO NO SÉCULO XXI**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Civalè
(DGE – UFV)

Co-orientadora: Juniele Martins Silva
(DGE – UFV)

VIÇOSA, MG - 2019

LUCAS DE ARAUJO PORTO MARTINS

**AS DESIGUALDADES SOCIAIS DE RECIFE NA VISÃO DO CINEMA
PERMANBUCANO NO SÉCULO XXI**

Monografia apresentada ao curso de
Geografia da Universidade Federal de
Viçosa como requisito para obtenção de
título de bacharel em Geografia

Aprovada no dia 27 de Novembro de 2019

Banca examinadora

Prof. Dr. Leonardo Civale (DGE)

Orientador

Prof (a). Dra. Juniele Martins Silva (DGE)

Co-orientadora

Prof. Dr. Fernando Conde Veiga (DGE)

Avaliador

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo (DCM)

Avaliador

AGRADECIMENTOS

É um pouco difícil de imaginar, mas esse momento chegou a tão sonhada formatura. Nesse momento vem muitas coisas pela cabeça, pois foram cinco anos de graduação. Pessoas ficarão para sempre em minhas vidas, outras forma somente de passagem, porém aprendi muito com elas também. As agradeço no fundo do meu coração.

Quero agradecer a Deus primeiramente, forma longas rezas e pedidos ao longos desses anos, sei que Ele esteve sempre ao meu lado. Agradeço imensamente aos meus pais Luiz Cândido e Marta pelos ensinamentos, amor incondicional, palavras, conselhos e muito amor. Eu não poderia ter os pais melhores e pra vocês e minha eterna gratidão. Minha irmã Mariana que sempre esteve disposta a ouvir meus desabafos em momentos mais difíceis e claro por uma companhia muito mais que fraternal (te amo Maurítânia).

Não posso deixar de agradecer aos meus queridos e amados primos, não vou colocar o nome de cada um, pois são muitos. Dizem que nossos primos são nossos primeiros amigos e por conta disso guardo em meu coração um grande amor e um grande carinho por todos. Meu muito obrigado a vocês, primeiramente por fazerem parte da minha história e também por construírem parte da minha identidade.

Quero agradecer aos meus amigos de Ubá que criei nesses anos. Vocês são importantes demais em minha vida. Meus amigos da Geografia Caio, Humberto, Heitor, Thalyta, Nayara, Júlia, Tamyres, Pedrão, Manso e todos aqueles que não citei. Guardarei vocês para sempre na minha mais doce memória.

Agradeço também a Atlética das Humanas, onde conheci pessoas maravilhosas e claro o Cineclube mais bonito desse país o Carcará, onde conheci pessoas incríveis, amigas e que vou levar comigo sempre “Carcará pega, mata e come/ Carcará não vai morrer de fome!”

Sou grato também a todos os professores do cursos e os funcionários do departamento de Geografia que são o alicerce do departamento, construí uma grande amizade com todos vocês. Em especial ao Civale e a Juniele pelas orientações durante o trabalho e aos professores que compuseram a banca.

Todos foram fundamentais para meu desenvolvimento, muito obrigado!

*“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e
semeando, no fim terás o que colher.”*

Cora Coralina

RESUMO

O presente trabalho visa analisar as desigualdades sociais na cidade de Recife sob a visão do cinema pernambucano no século XXI, através de conceitos geográficos e de aspectos cinematográficos. O cinema e a geografia, desde o surgimento da sétima arte andam juntas, visando pontos dos mais diversos aspectos, o que não seria diferente quanto aos problemas sociais que cercam nossa sociedade. O Novo cinema Pernambucano tem retratado com ênfase nos últimos anos problemas voltada a questões sociais. Com isso, a pesquisa é feita sob um levantamento bibliográfico sobre problemas de desigualdade sociais atrelados ao cinema, paisagem e aspectos cinematográficos e uma análise de cinco filmes pernambucanos que relatam o tema.

Palavras-chaves: Desigualdade social, Geografia, Cinema, Recife

ABSTRACT

The present work aims to analyze social inequalities in the city of Recife from the viewpoint of Pernambuco cinema in the 21st century, through geographical concepts and cinematographic aspects. Cinema and geography, since the emergence of the seventh art have been together, aiming at points of the most diverse aspects, which would not be different regarding the social problems that surround our society. New cinema Pernambucano has portrayed with emphasis in recent years problems related to social issues. Thus, the research is done under a bibliographical survey about social inequality problems linked to cinema, landscape and cinematographic aspects and an analysis of five Pernambucan films that report the theme.

Keywords: Social Inequality, Geography, Cinema, Recife

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Pôster do filme O som ao Redor	31
FIGURA 2 - Cena do filme O som ao Redor.....	32
FIGURA 3 - Pôster do filme Amarelo Manga.....	35
FIGURA 4 – Cena do Filme Amarelo Manga.....	35
FIGURA 5 - Cena do filme Amarelo Manga.....	36
FIGURA 6 – Pôster do filme Baixio das Bestas.....	39
FIGURA 7 – Cena do filme Baixio das Bestas.....	40
FIGURA 8 – Cena do filme Baixio das Bestas.....	42
FIGURA 9 – Cena do filme Baixio das Bestas.....	42
FIGURA 10 – Pôster do filme Árido Movie.....	43
FIGURA 11 – Cena do filme Árido Movie.....	44
FIGURA 12 – Cena do filme Árido Movie.....	46
FIGURA 13 – Pôster do filme Aquarius.....	48
FIGURA 14 – Cena do filme Aquarius.....	48
FIGURA 15 – Edifício Aquarius que dá nome ao filme.....	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
	1.1 Justificativa.....	11
	1.2 Fundamentação Teórica.....	11
	1.3 Metodologia.....	14
2	DESIGUALDADES SOCIAIS.....	15
	2.1 Desigualdades sociais na visão cinematográfica.....	15
3	RELAÇÃO CINEMA E GEOGRAFIA.....	23
	3.1 O olhar da Geografia no cinema.....	23
	3.2 Termos de enquadramento e perspectiva.....	25
	3.3 Aspectos (técnicos) e artísticos do cinema.....	28
4	ANÁLISE DOS FILMES.....	31
	4.1 O som ao Redor.....	31
	4.2 Amarelo Manga.....	34
	4.3 Baixio das Bestas.....	38
	4.4 Árido Movie.....	43
	4.5 Aquarius.....	47
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	BIBLIOGRAFIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Dita como uma das maiores indústrias midiáticas, o cinema desde seu surgimento no final do século XIX vem conquistando pessoas de muitos lugares do mundo. Essa fascinação faz com que pessoas dos mais diversos lugares optem por querer trabalhar com esta arte. Por ser produto de uma atividade industrial, mas também fruto de uma produção simbólica, os filmes podem servir a vários propósitos e, evidentemente, servir de material fértil para a análise da realidade. São filmes dos diversos gêneros: ação, comédia, suspense, drama e entre tantos outros, histórias que fazem rir, chorar e refletir. A indústria cinematográfica tem como um dos seus objetivos emocionar o seu público.

O cinema e a geografia andam juntos não é de tempos recentes. A primeira e a segunda andam juntas desde o surgimento da arte cinematográfica no século XIX, com os irmãos Lumière. Com o passar dos anos essa relação veio a se fortalecer. Segundo Neves (2007) a primeira exibição cinematográfica ocorreu em 28 de dezembro de 1895 com os convidados dos irmãos Lumière. Através de várias películas podemos unir o cinema e a geografia. São temas como economia, relações sociais e econômicas, paisagem, natureza e entre outros.

Este trabalho investiga o problema da desigualdade social na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco no Nordeste brasileiro, sob a ótica do novo ciclo Pernambucano. A mesma pode ser considerada hoje uma das que mais abarca problemas sociais brasileiros em seus filmes com histórias bem desenvolvidas, elaboradas, roteiros bem escritos, personagens bem particulares e entre outros aspectos. Porém não é um cinema tão conhecido do público brasileiro como é o cinema de regiões centrais do Brasil, mais precisamente Sudeste e Sul. Assim o problema deste trabalho é realmente mostrar se o novo ciclo Pernambucano representa os problemas de desigualdade social e como os mesmos nos são apresentados.

O interesse de trabalhar este tema está ligado ao fato de o Brasil ser um dos países mais desiguais do mundo e assim um dos que mais concentram renda. Pode-se observar no nosso dia a dia esses problemas de forma bem transparente, principalmente fora das áreas centrais. Será realizada uma relação de como o cinema representa, trabalha e transmite essa imagem do nosso problema social.

Este trabalho tem como objetivo compreender, através do novo ciclo Pernambucano, como as desigualdades sociais são representadas nos filmes produzidos

na cidade de Recife. E específicos analisar como o cinema representa as desigualdades sociais; relacionar a paisagem cinematográfica com a realidade da cidade estudada; verificar a relação existente entre o cinema e a geografia; analisar os filmes do novo ciclo Pernambucano que abarcam problemas sociais.

O presente trabalho conta com três capítulos. No primeiro faremos uma abordagem sobre desigualdade social e como é mesma é representada no cinema. O segundo capítulo é feita uma análise entre o cinema e a geografia, ou seja, a relação entre as mesmas e aspectos técnicos cinematográficos. E no terceiro capítulo é realizada uma análise dos longas que foram trabalhados na pesquisa, abordando o tema da desigualdade social em diferentes visões.

1.1 Justificativa

O Brasil é hoje, uma das maiores economias do planeta, em contraponto é um das nações mais desiguais do mundo. A concentração de renda é apresentada de forma bem clara em nosso território, tanto no meio rural quanto no meio urbano. Com o passar dos anos, principalmente no século XX, o número de comunidades no país teve um crescimento significativo o que colocou nosso país com um dos lugares mais desiguais do mundo.

Pode-se notar em nosso dia a dia, independente do lugar em que estamos, em muitos pontos das nossas cidades, principalmente em áreas periféricas, moradias de baixa renda que se contrapõem com locais de moradias de alto padrão como condomínios fechados.

O cinema, em muitas ocasiões traz para as telas de suas salas, películas que estão associadas a este tipo de problema social, ou seja, um contraste social que existe entre pessoas ricas e pobres. O cinema pode ser uma ferramenta para buscarmos o entendimento e a análise da mesma e refletirmos sobre o assunto.

A pesquisa em si mostra uma importância de entendermos como nossa sociedade hoje está estruturada. O cinema como outras formas midiáticas teria uma importância de mostrar as mazelas da nossa vida social. E não pode deixar de colocar que a escola pernambucana é uma das que mais produzem e crescem dentro do cinema brasileiro.

1.2 Fundamentação teórica

O cinema é uma arte que conquista pessoas de todo mundo faz rir, chorar, emocionar, suas histórias contadas, narradas e interpretadas levam aos espectadores numa grande viagem ao lugar ficcional em que é retratado o filme. Esta arte tem um pouco mais de cem anos de história e por muito tempo serviu de diferentes funções, seja para retratar o dia a dia de uma sociedade, muito bem mostrada no primeiro filme que fora lançado no mundo numa película de cinquenta segundos mostrando operários esperando um trem em uma estação. Depois desse, inúmeros outros filmes foram lançados no mundo, fazendo com que a indústria cinematográfica se espalhasse pelo mundo e ganhando cada vez mais admiradores e adeptos a querer trabalhar e estudar melhor sobre esse formato artístico.

Com a entrada do século XX, o cinema ganhou mais espaço na vida das pessoas, espaço que, muitas das vezes, foi questionado e que seus fundadores (irmãos Lumière) que diziam que não passaria somente de uma invenção. Uma grande parte dos estudiosos concorda que o cinema surgiu em 1895 pelos irmãos Louis e Auguste Lumière dos quando projetaram os operários de uma fábrica (KEMP, 2011). Porém sua força fora aumentando com o tempo, evoluindo assim do cinema com câmera parada para a câmera em movimento. Dos filmes preto e branco para os coloridos e sem falar do cinema mudo para os sonoros.

O cinema teve várias funções ao longo dos tempos, e talvez uma das mais interessantes foi o seu uso como propaganda para guerras, como a Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945. Com o intuito de apelo ao patriotismo são exemplos os clássicos *Casablanca* de 1942 de Michael Curtiz estrelado por Humphrey Bogart e Ingrid Bergman. Outros filmes foram utilizados para enaltecer o patriotismo de países como Estados Unidos, um exemplo claro disso é *Rambo* que conta a história de ex combatente da Guerra do Vietnã e seu primeiro longa foi estrelado na década de 1980.

O cinema pernambucano teve seu início no começo do século XX, mais precisamente na década de 1920: os filmes mudos do chamado de “Ciclo do Recife”. Eram produções fáceis e baratas com poucos recursos, já que o cinema nacional assim como o pernambucano estava em fase de crescimento. Porém com a chegada do cinema sonoro, as produções começaram a ficar mais caras e, muitas das vezes, com preços superiores a filmes *Hollywoodianos*.

Tudo começou em 1922 quando Hugo Falângola e J. Cambiére chegaram ao Recife trazendo da Itália um dos primeiros modelos de câmera cinematográfica a fincar tripé em solo recifense. No início, a principal atividade é documentar obras do governo para os cine-jornais promocionais, mas ao logo que os pernambucanos vêm como opera a

máquina dos sonhos, compram equipamentos italianos e iniciam um projeto de loucos: construir um pólo cinematográfico em Pernambuco. (GOMES, 1994, p. 59).

O foco deste trabalho será o Novo Ciclo Pernambucano, movimento cinematográfico que surgiu nos anos 2000 consagrando cineastas como Cláudio Assis em filmes como *Amarelo Manga* (2002) e *Febre do Rato* (2012), Marcelo Gomes com *Cinema, Aspirinas e Urubus* (2005), Kleber Mendonça Filho em *O Som ao Redor* (2012) e *Aquarius* (2016) e entre tantos outros cineastas colocando o cinema pernambucano em um importante lugar de destaque no cinema nacional, sendo elogiado e premiado tanto no Brasil quanto no mundo.

Entre tantos filmes produzidos no Pernambuco, um dos temas que pode-se trabalhar com destaque são problemas sociais relatados em seus filmes, seja na fotografia e até mesmo na descrição, roteiro e caracterização dos seus personagens nos quais fazem uma história enriquecedora que faz pensar e refletir sobre nossos problemas sociais.

Como os problemas voltados a nossa sociedade cercam o nosso redor e é uma preocupação onde não se pode fechar os olhos, muitos cineastas utilizaram o cinema como uma forma de relatá-los ou denunciá-los. Grandes produções cinematográficas brasileiras começaram a retratar o mesmo em seus filmes, que são mostrados até hoje em grandes produções aclamadas. O cinema pernambucano por sua vez não fica para trás, pois uma parte significativa do cinema do estado o Pernambuco tem em suas produções voltadas para problemas de desigualdade social. Para Gomes Júnior (2018) filmes brasileiros têm evidenciado muito bem os problemas sociais nas suas cidades e Recife não fica atrás disso:

O urbano e a modernidade estão presentes também quando os filmes situam-se na própria Recife, evidenciando as desigualdades presentes no espaço urbano e a problemática da vida nas grandes cidades, além de conferir aos filmes um caráter universal e cosmopolita... (JÚNIOR, 2018, p. 184).

Cineastas brasileiros, incluindo os pernambucanos se voltaram às grandes produções, aclamadas pela crítica especializada, voltadas a filmes que relatassem o cotidiano de um bairro, de uma comunidade, ou até mesmo pessoas de classes sociais diferentes em seus filmes, com o fito de mostrar para o público, os problemas sociais que muitas de nossas cidades sofrem. Assim pode-se dizer que os longas fazem uma crítica a sociedade, e mostra de forma clara e evidente os conflitos e contradições das pessoas que vivem em Recife (JÚNIOR, 2018).

O cinema por sua vez, tem como um dos objetivos fazer com que os telespectadores reflitam problemas do cotidiano, mesmo aqueles que convivam diariamente com o problema ou aqueles que seu acesso seja um pouco menor, ao fato de pertencerem a uma classe social melhor. E essas histórias têm se tornado, cada vez mais, presentes e vistas em filmes brasileiros e recebendo bastante destaque por sua qualidade artística e cinematográfica.

O cinema como arte e a geografia como ciência têm um papel fundamental na sociedade de estudar analisar e de entender uma população uma sociedade mesmo que de forma e viés diferenciados. Apesar de possuírem teorias e formas de estudo diferentes entre si, as duas podem andar juntas para a construção e entendimento do que ocorre em nossa vida social.

1.3 Metodologia

Este trabalho é uma pesquisa de cunho bibliográfico que abará assuntos ligados à desigualdade social, ao Novo Cinema Pernambucano, conceito de paisagem e artigos que mostram a relação do cinema com os problemas sociais que apresentam a cidade do Recife e a análise dos filmes, são eles: O Som ao Redor; Amarelo Manga; Baixio das Bestas; Árido Movie e Aquarius. A escolha por estes filmes se deu ao fato destes apresentar problemas sociais em amplo sentido que cercam nossa sociedadee também ao fato das histórias se passarem no estado de Pernambuco.

A análise dos filmes foi feita ao longo de três meses, onde foram realizadas anotações e análises ligadas a aspectos voltados ao cinema como a fotografia, trilha sonora e roteiro e aos problemas sociais, problemas esses ligados a diferenças de classes entre ricos e pobres, violência feminina, problemas de drogas e entre outros aspectos que são retratados nos filmes em questão.

É importante ressaltar alguns dos autores que foram utilizados para a elaboração e o desenvolvimento deste trabalho. Do cunho geográfico temos Denis Cosgrove, Karina Foiravante e Alexandre Ribeiro. No cunho cinematográfico Paulo Henrique Silva, Gilles Deleuze e Philip Kemp. Este são alguns dos autores que levaram este trabalho ao seu desenvolvimento e uma elaboração teórica e numa análise de como o cinema retrata e trata as questões de problemas sociais na sociedade brasileira.

2 DESIGUALDADES SOCIAIS

Os problemas sociais atrelados a desigualdades são vistos, não somente no Brasil, como em outros lugares, tais como Colômbia e Venezuela que são nossos vizinhos também sofrem com problemas ligados a desigualdades. Muitos deles estão ligados ao tráfico de drogas, exploração sexual, violência doméstica, níveis sociais diferentes, ou seja, diferenças econômicas e entre outros aspectos.

É corriqueiro assistirmos na televisão e lermos em jornais e revistas essas mazelas que está presente em nossa sociedade e o cinema como um meio artístico e midiático tem buscado em produções relatar esses problemas que podem ser encontrados nas nossas cidades, independentemente do tamanho que elas tenham.

2.1 Desigualdades sociais na visão cinematográfica

O cinema, desde os primeiros anos de sua origem teve interesse em retratar a vida urbana das cidades. O mundo naquela época presenciava um forte crescimento industrial em vários países do mundo, principalmente no continente europeu e nos Estados Unidos. Muitos cineastas na época como Georges Méliès sentiam uma necessidade, através de pequenos filmes, relatarem paisagens urbanas, a vida e costumes de uma determinada sociedade. Isso tudo era realizado com pouca tecnologia e recursos, pois os avanços cinematográficos que temos hoje foram surgindo ao longo dos anos. Apesar dessa indústria ter se desenvolvido, muito ainda é feito com uma câmera na mão. Isso é visível nos grandes circuitos de cinema.

As cidades neste período estavam em constante transformação, o êxodo rural era algo que acontecia em uma escala alta, a industrialização começou a avançar em outros países que não fossem centrais, mas sim periféricos. Este e outros fatos foram fundamentais para a modificação da paisagem, pois no lugar das casas entravam grandes edifícios residenciais e comerciais, ou seja, no lugar de áreas verdes foram inseridas grandes construções e o cinema teve e ainda tem fundamental para analisar e observar essas mudanças ocorridas nas paisagens:

O cinema, decisivamente, demonstrou um grande interesse pelos espaços urbanos em transformação, exaltando os movimentos e as transformações na/da paisagem dos novos formatos de cidades que surgiam como consequência dos processos de verticalização e expansão urbanas que provocaram o desaparecimento do antigo formato de cidade e o surgimento da metrópole moderna. (COSTA, 2016, p. 3).

No período de crescimento das cidades e atrelado a isso o surgimento das grandes metrópoles, o cinema passa a criar cidades utópicas para retratar esse

desenvolvimento que ocorriam nas grandes cidades. Essa criação de cidades imaginárias ocorre desde os primórdios da indústria cinematográfica e permanece até os dias atuais, que é atrelado a um grande desenvolvimento de áreas urbanas. E com o crescimento urbano, vieram problemas sociais e o cinema tem se mostrado uma ferramenta para mostrar alternativas para a melhoria de convívios sociais. Seja de uma forma próxima do real ou mais fictícia.

No início do século XX, o mundo passou por revoluções artísticas e culturais. No Brasil em 1922 vivia a Semana da Arte Moderna em São Paulo, revelando artistas como Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Di Cavalcanti e entre outros. A “revolução artística” ou “revolução cultural” que ocorreu no mundo foi de tamanho significado ao ponto de expressões artísticas começarem a tomar conta na vida da sociedade que vivia naquela época. Pois os artistas em questão retratavam a sociedade naquele tempo, seja no trabalho, em sua cidade, nas ruas. As expressões artísticas por muitas das vezes expressavam suas críticas com o que o mundo se tornava. A paisagem cultural neste período começa a tomar uma grande força nos estudos, nas pesquisas para revelar as diferentes características na qual estavam presenciando.

O cinema é uma ferramenta fundamental para entender a cidade e assim reproduzir suas representatividades no mundo urbano. São aspectos positivos e negativos, por exemplo, problemas de desigualdade social de um determinado lugar, de uma cidade ou até mesmo de um bairro em se tratando de menor escala. Assim identificar suas características sob o ponto de vista mais emocional, o que não deixa de permitir uma visão mais racional das cidades. La Rocca (2012) afirma que o cinema pode representar como uma ferramenta que pode nos levar a uma interpretação visual de um mundo social e urbano. O que faz dos filmes como um instrumento de suma importância de ver e pensar as cidades em todos os seus aspectos, principalmente problemas voltados às classes mais desfavorecidas que habitam em áreas ou zonas periféricas.

O cinema mostra uma tentativa de exibir uma realidade de um lugar, mesmo que de forma fictícia ou no intuito de mostrar o valor real de uma cidade que realmente exista. As cidades cinematográficas ou cenográficas não são uma “cópia genérica” das cidades reais, onde muitos cineastas brasileiros buscam retratar o cotidiano de um lugar. O cinema busca uma reconstrução de um determinado lugar, um exemplo disso são os cineastas brasileiros que buscam reconstruir cidades dos mais diversos lugares em seus filmes, com o intuito de mostrar ao espectador que está assistindo seus filmes o dia a dia

de um lugar e também buscam um significado e ações diferentes para as cidades. Construindo críticas sociais e o que pode até mudar o nosso modo de ver e pensar a cidade.

Vê que a campo cinematográfico é cada vez mais utilizado para retratar o mundo contemporâneo, e o mesmo tem sido muito importante no estudo da sociedade, da imagem que ali é representada. Pois diferentes grupos e tipos de cultura estão inseridos dentro das cidades e do imaginário urbano no cinema. O que nos faz levar uma busca ao entendimento da estrutura das cidades e também da sociedade que ali é representada e inserida.

O cinema tem sido crescentemente explorado e valorizado como instrumento analítico na contemporaneidade. O enfoque no contexto cinemático como representação e suporte para a análise dos grupos culturais e do cotidiano dos indivíduos participantes desses grupos nos espaços urbanos tornou-se primordial para o entendimento dos modos da coerência e do sentido pelos quais vivências, comportamentos, identidades, subjetividades e práticas socioculturais vêm sendo construídos, entendidos e reelaborados especialmente e subjetivamente. (COSTA, 2009. p. 110).

As visões cinematográficas voltadas às cidades nos mostram uma maneira diferenciada no que tange nossas esferas sociais. Imagens que nos fazem repensar como é o funcionamento e a dinâmica de nossas cidades. Para Deleuze (2018) a imagem deve ter um efeito de choque sobre o pensamento e forçar o pensamento a pensar tanto em si mesmo quanto no todo. É a própria definição do sublime. São modos de vida diferenciados, moradias diferenciadas e pessoas diferentes o que cria imagens em diversos meios. O que acaba colocando o cinema como um grande meio para a produção da crítica social e como um observador de críticas sociais.

O cinema assim pode mostrar uma diversidade no olhar nas cidades em que são retratadas suas histórias, mesmo elas sendo reais ou não. Como dito, seu principal objetivo é mostrar dessa arte a configuração desses lugares, como é sua dinâmica e sociedade. Isso pode ser tratado como uma naturalização de determinados meios de olhar os lugares, que muitas das vezes são reproduzidos de maneira inconsciente através de estereótipos ligados a imagem por meios mais diferenciados (JÚNIOR, 2016). As cidades são representadas assim por diferentes imagens, diferentes representatividades, o que faz o seu estudo mais amplo dentro do universo do estudo categórico da paisagem. Que mostram classe alta e classe baixa, pessoas ricas e pessoas pobres, bairros com mais meios de serviço e bairros com menos meios de serviço, ou seja, tudo isso pode e está diretamente associando com o funcionamento e o desenvolvimento cultural de um determinado lugar.

A cultura tem um papel fundamental para entender o significado e a evolução social. A mesma pode se atrelar a estudos ligados como vemos a forma de pensar naquilo que nos rodeia. Para Júnior (2016) a partir das nossas práticas sociais será produzidas paisagens de forma que se divergem e irão expressar suas diferentes formas de pensar e ver o mundo.

O cinema usa sua imagem como um fator fundamental para retratar um lugar, expressar seus problemas do cotidiano, críticas sociais como uma apelação de mostrar ao seu público o que acontece em seu entorno, mesmo que de uma mais próxima do real ou algo mais fictício de fato. Para Costa [20--] estudiosos e pesquisadores em diversas áreas do conhecimento como a antropologia, comunicação, geografia, literatura e entre outros têm pensado nos problemas que cercam a vida urbana através de imagens a partir de uma representação cultural que são muito vistas nos filmes. O que se pode dizer que o cinema tem uma importância significativa para estudos de problemas sociais através das imagens ou fotografias que são colocadas nas grandes telas.

Estudiosos, pessoas que trabalham com o meio urbano têm se preocupado muito com a construção e a concepção de um ideal ou um novo tipo de cidade, o que seria assim um contraponto ou algo que se converge com cidades ou paisagens urbanas que os mesmos viram ou possuíam certa convicção. Assim são criadas novas imagens, novos lugares, novas espacialidades, ou seja, são criadas novas cidades que darão lugar a aquelas que eram consideradas mais antiquadas (COSTA, 2016). A evolução de ciências, principalmente no que tange o estudo das cidades, paisagens e seu desenvolvimento, permitiu um novo olhar e um novo de se pensar nos centros urbanos.

As imagens das cidades que são retratadas no cinema teriam uma função de aceitação do real, ou pelo menos algo que seja próximo a isso. A indústria do cinema se expressa de imagens de imagens de lugares reais ou de lugares imaginários, criando novos traços e novos contornos, dando uma nova visão ao urbano. Pois pode observar em muitos filmes atuais imagens voltadas a cidades futuristas e a sociedade, junto ao cinema planeja este tipo de cidade ou pelo almeja em realizá-la. São filmes estes futuristas como *Blade Runner* de 1982 e *O Quinto Elemento* de 1997, se passam no futuro com prédios inteligentes, meios de transporte que não existe em dias atuais que voam ou flutuam em meio à cidade e uma tecnologia muito frente daquele tempo. Assim a imagem que é criada no cinema nem sempre é verídica, mas ela pode estimular pesquisadores e cientistas de diversas áreas o entendimento de uma geração no modo de como ela enxerga algo que o mesmo vê pela frente.

O cinema nasce juntamente com as grandes cidades. Pode dizer que o cinema teve um papel significativo e de suma importância para a construção das cidades, do imaginário social, e da metrópole. O que deu a ela novas linhas de pensamento, novos modos de agir, de pensar, muitas vezes para um lado positivo e outras vezes para um lado negativo. Pode dizer que o universo cinematográfico, ao longo de sua existência registrou imagens e ainda continua a registrar. O cinema teria sua história muito associada à cidade, pois a mesma nasceu em uma área urbana:

O cinema nasce para a vida social juntamente com a grande cidade. A arte cinematográfica nasce com a metrópole, tem toda sua história mergulhada e confundida com a historicidade da metrópole. Podemos afirmar que o cinema é uma arte urbana por excelência, assim como constatar que a cidade é o espaço geográfico que o cinema mais registrou ao representar o mundo. A história do cinema se cruza com a geografia das cidades. (BARBOSA, 2000, p. 81).

O cinema tem um papel importante também de retratar problemas sociais, como os problemas de desigualdades sociais, visto em diversos países do mundo e não diferente no cinema brasileiro, temos diversos filmes que relatam os problemas ou as mazelas da nossa sociedade. Buscam imagens reais ou não para mostrar com bastante clareza os problemas sociais nas quais cidades enfrentam. Problemas esses vezes ligados a grande diferença de igualdade de renda, onde podemos notar um grande número de comunidades ou favelas, problemas com questões sanitárias, de lazer, saúde e entre outros aspectos. O cinema também tem como um de seus objetivos de denunciar os problemas que cercam nossa sociedade e é cada vez mais comum observarmos isso nos filmes, principalmente em longas brasileiros.

Desde seu surgimento, o cinema relata a sociedade de um determinado local, seja ele um longa de certo prestígio, aclamado pela crítica especializada ou não. E esses problemas sociais ou cenas do cotidiano possuem diferentes formas de representação ou diferentes formas de linguagens. Para Padilha (2008), mesmo o pior dos filmes, dirá algo sobre a realidade do período em que foi feito e a sociedade ao qual pertence, o que estabelece relação de representação em relação ao meio. Sendo assim, não podemos deixar de mostrar a importância que o cinema tem em estudar, analisar e mostrar a sociedade através das grandes telas.

O cinema brasileiro passou por inúmeras fases e escolas. Humberto Mauro, um dos pioneiros do cinema nacional que abriu as portas e as vertentes para o que temos hoje em se tratando de cinema nacional. Ao longo da história do cinema brasileiro tivemos grandes nomes de fama do nosso território como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos da escola do Cinema Novo que teve seu início nos anos de 1960,

tivemos a Pornochanchada nos anos 1970, Retomada nos anos 1990 e a Pós-Retomada após os anos 2000. Hector Babenco, cineasta Argentino erradicado no Brasil famoso por suas produções a partir dos anos 1980, Carlos Diegues famoso também por diversas produções e entre tantos outros que dão identidade e valorizam nossa arte.

Desde seus primeiros anos, o cinema nacional tem como objetivo de retratar as mudanças sociais que aconteciam no Brasil, pois vivia em um período de forte crescimento industrial, um forte crescimento urbano atrelado ao surgimento de metrópoles nacionais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Recife. Como em outros lugares no mundo, o cinema brasileiro também retratou as mudanças sociais ocorridas em nosso território, mostrando problemas sociais como a violência, problemas de igualdade social, marginalidade, ausência do Estado em vários sentidos:

Com relação à mera descrição de uma realidade, como crítica aos dois filmes objetos desta análise, entendo que considerando o que muitos teóricos já afirmaram a respeito da influência do cinema enquanto agente transformador da realidade e até em função de se tratar de arte... (SANGION, 20--, p. 8).

O Brasil, quase sempre em sua história cinematográfica, que reúne décadas de história, é relatado em suas películas problemas que abarcam a sociedade, focando muito mais em histórias brasileiras, ou seja, relatas problemas sociais que ocorrem no Brasil. Esses problemas podem estar acarretados e desigualdade social, corrupção em diversos âmbitos, descasos ambientais e também mostrando outros “Brasis” que muitas das vezes não são conhecidos. São alguns desses casos *O Homem que virou Suco* (1981) de João Batista de Andrade, que relata a história de um Nordestino que chega a São Paulo e tem que se adaptar a nova cidade com costumes e tradições diferentes; *Cidade de Deus* (2002), filme de Fernando Meirelles que relata o cotidiano violento da comunidade Cidade de Deus no Rio de Janeiro nos anos 1970 e o mais recente *Tropa de Elite* (2007) de José Padilha onde mostra a violência na favela em confronto com a polícia. Estes e tantos outros relatam alguns dos problemas sociais que enfrentamos em nossas cidades.

No Brasil, uma das mais importantes fases do cinema que trabalhou com muita ênfase com as desigualdades sociais no Brasil fora o Cinema Novo, período que começa no final dos anos 1950 e ganha força nos anos 1960. Esse foi um período de novos diretores brasileiros que começando suas carreiras no universo cinematográfico brasileiro e realizando produções de prestígio no Brasil. Dois cineastas dessa época foram Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha. Estes realizaram importantes

trabalhos para entendermos como era a dinâmica e a social do Brasil naquela época, que era até então pouco comentada.

O número de produções ligadas diretamente a problemas sociais teve um crescente maior no final do século passado, nos quais produtores e diretores mostravam uma parte da população que era considerada excluída, na qual pouco se falava ou pouco se via dentro do universo cinematográfico brasileiro.

Isso ocorre mais uma vez na década de 1990, com uma expressiva publicação de livros que misturam a literatura, o ensaísmo e a reportagem ou a repercussão alcançada por muitos filmes e espetáculos cênicos que misturam a exibição de depoimentos e outras técnicas desenvolvidas pelo gênero documentário às convenções ficcionais, em função de servir como veículos de discussão como porta-vozes dos problemas dos setores da população definidos como *excluídos* socialmente. (PEREIRA, 2007, p. 11).

As produções cinematográficas brasileiras têm crescido bastante a partir do século XXI tanto em qualidade quanto em número de produtos feitos e realizados. De acordo com dados da ANCINE (Agência Nacional do Cinema), no ano de 2001 foram lançados 30 filmes no Brasil, em 2010 esse número saltou para 75. Um dos objetivos centrais do cinema nacional é mostrar, através de imagens, paisagens e fotografias uma realidade onde poucos brasileiros têm acesso ou poucos conhecem, ou até mesmo fazer com que muitas pessoas se identifiquem com o que se é retratado nas grandes telonas das salas de cinema. Trazendo realidades reais ou que se aproximam de algo real, trazendo assim um fato fictício, mas que façam a refletir e pensar no nosso mundo real.

A indústria cinematográfica brasileira, assim como no cinema de outros países, se modificou para se adaptar a uma realidade local, se adaptar a nossa sociedade, nossas vivências e nossos costumes, passando a elaborar narrativas que ligam vários aspectos de nossa vida social e acaba por trazer significados novos, e por consequência a derrubar um paradigma anterior:

O cinema é um dispositivo de representação que recorre a tecnologia de produção/montagem/metamorfose/ de imagens visuais que, associadas à narrativa de dramas/tramas, realiza espetáculos onde significados e significantes entrecruzam-se. (BARBOSA, 2000, p. 79).

O cinema não tem como obrigação de retratar com exatidão e uma mais perfeita realidade como é uma estrutura física e social de um determinado, não é essa e real função do cinema. As imagens que ali são colocadas têm como intuito de nos mostrar uma representatividade ficcional, não real, mas que se aproxime de algo mais próximo possível da realidade. Para Prysthon [20--] as imagens da cidade teriam, sobretudo, a função primordial de levar a aceitar como real (ou pelo menos como proximidade do real), o ficcional de promover uma certa aparência de realidade.

Não é apenas o cinema de regiões centrais do Brasil que relatam problemas sociais no Brasil, ou onde grande parte de suas histórias são relatadas. Um exemplo que cresce com força e vem se destacando muito em festivais brasileiros e internacionais de cinema é o cinema nordestino, com destaque para o Cinema Pernambucano, no qual possui histórias que relatam problemas sociais que cercam nossa sociedade como a desigualdade social, problemas econômicos. O mesmo reúne muitas das vezes artistas locais e diretores locais, dando uma característica única a essa escola de cinema e assim relatando seus problemas que são muito das vezes similares com o restante do nosso país.

O cinema ao longo de muitos anos se desenvolveu, ampliou suas formas de pensar, de ver e de analisar aspectos sociais. Isso tudo em prol de uma análise, de uma discussão mais aberta sobre nossa vivência, nossas diferenças tanto como indivíduo como em sociedade. É por esses e outros motivos que Deleuze (2018) valoriza muito a imagem dentro do universo cinematográfico, pois sem ela, não seria possível uma análise mais profunda sobre as diferenças sociais que nos cercam.

O cinema moderno desenvolve assim, de três pontos de vista, novas concepções com o pensamento: a supressão de um todo ou de uma totalização das imagens, em prol de um fora que se insere entre elas; a supressão do monólogo interior como todo do filme, em prol de um discurso e de uma visão indiretos livres; a supressão da unidade do homem e do mundo, em prol de uma ruptura que nada mais nos deixa que uma crença neste mundo. (DELEUZE, 2018, p. 272).

Deleuze também relata a importância do uso da imagem para retratar e também relatar a estrutura da sociedade, em diferentes lugares, os papéis dos indivíduos e da sociedade que ali é retratada. O que acaba por nos fazer refletir sobre a estrutura social em que vivemos. Mas vale ressaltar que o cinema nunca vai transparecer uma perfeita forma do mundo real, mas o mesmo pode se aproximar muito.

O cinema não representa o que é o mundo real, seu intuito é fazer uma reconfiguração daquilo que é real, daquilo que nos envolve, mesmo que seja um fato real ou mesmo uma história que seja inventada. Mostrando assim suas diferentes funções, papéis que representam na sociedade, sua importância dentro do filme ou fora dele.

3 RELAÇÃO CINEMA E GEOGRAFIA

O cinema e a geografia têm uma relação que se estende ao longo de muitos anos e isso vem desde os primeiros anos desta arte. Podemos citar exemplos disso como os filmes de guerra que eram utilizados muitas das vezes como propaganda de guerra, que são os casos da Segunda Guerra Mundial (1939/1945) e a Guerra do Vietnã (1955/1975). Principalmente o cinema Norte Americano que tinha como intuito e representar e mostrar uma imagem de que eles eram heróis e seus oponentes de guerra os grandes vilões. Temos também filmes que abordam temas como lutas sindicais, evoluções urbanas e paisagísticas, problemas sociais. A geografia pode-se dizer que sempre esteve ao lado do cinema, seja de uma forma mais explícita ou mais discreta.

No cinema brasileiro, mais precisamente nos novos filmes pernambucanos e relação cinema e geografia é grade, pois temas sociais ligados a classes sociais, política, violência e perspectiva de paisagem encontram-se muito presentes.

3.1 O olhar da geografia no cinema

Um dos aspectos fundamentais de se pensar o cinema é pensar no espaço em que o filme é retratado. É necessário um recorte de onde o filme será passado, seja ele um lugar existente ou inexistente. Um espaço possui diversas facetas, diálogos diferenciados nos quais problemas atrelados a meios sociais podem ser retratados e transmitidos ao espectador.

Uma das maiores contribuições dos geógrafos que pensam as construções dos lugares cinemáticos diz respeito a relação que criaram entre esta noção com a ideia de espaço fílmico. Esse diálogo busca evidenciar os problemas das múltiplas representações e do domínio explicativo dos conceitos a partir dos filmes. (FIORAVANTE, 2018, p. 283).

A geografia e o cinema se cruzam em muitos aspectos e em vários momentos, pois sempre são produzidos longas que tenham ligação direta sob algo que seja geográfico, independentemente de qual nacionalidade e de qual lugar a película é produzida. São inúmeros olhares e visões que podem e que são representadas através destas produções:

Todavia, filmes são, na maioria dos casos, pensados sob o contorno do espelhamento do real e como sendo tributários da linguagem do próprio espaço para dizer de si mesmo através da imagem. Ou seja, filme seria a própria manifestação do espaço diante de nós. O cinema como prática social e discursiva, como aparato cultural, cria geografias. (COSTA, 2011, p. 46).

Uma visão muito comum que pode-se encontrar no cinema e relacionar diretamente com a geografia é um olhar mais voltado para o meio urbano. Neste quesito

é trabalhado vários olhares como, por exemplo, uma visão social, cultural, econômica e outros quesitos. O que nos podem fazer pensar e refletir sobre várias passagens dos filmes.

O cinema Pernambucano tem se mostrado ao longo dos últimos anos como uma peça fundamental para a análise de críticas sociais, socioeconômicas, desigualdades, conflitos de classes, diferenças culturais e entre outros. Pode-se dizer claramente que isso pode se tratar não somente do cinema Pernambucano ou da cidade de Recife em si, mas também é um retrato do nosso país que apresenta suas mazelas em todas suas regiões. Assim, dizer que o Cinema Pernambucano mostra vivências e realidades em diferentes perspectivas e olhares:

Ao cinema, o espaço é imposto como condição de existência. As cenas que compõem a narrativa se desenrolam em lugares filmicos que muitas vezes se cruzam para lugares além dos filmes, contaminando esses lugares com seus sentidos, seus ângulos, seus enquadramentos, redefinindo-os diante dos espectadores. (COSTA, 2011, p. 47).

As leituras dos filmes são de suma importância para entendermos suas mensagens, o que os mesmos querem nos transmitir. São diversas leituras feitas, entre elas culturais que podem estar associadas a músicas, crenças, festas, tradições, festivais e afins. Aspectos sociais que associam-se em diferenças sociais, políticas, econômicas diferenças paisagísticas por exemplo, entre bairros mais favorecidos e bairros menos favorecidos. As diferenças sociais estão articuladas diretamente com os aspectos sociais de um lugar onde é estudado.

As visões geográficas que se têm nos filmes são enormes, pois os aspectos culturais levam aos sociais e que também são levados diretamente aos econômicos. O que faz desta arte como algo muito além do entretenimento, pois a mesma pode ser um importantíssimo objeto de estudo para as análises espaciais, para observarmos diferentes visões da nossa sociedade, evolução urbana e suas diferentes dinâmicas, impactos ambientais, culturais e sociais. Através desta arte pode-se buscar o entendimento da sociedade, mesmo se tratando de uma obra fictícia. O cinema tem um papel fundamental de representação social, mas vale ressaltar que essa arte é somente uma reinterpretação daquilo que é real, não é papel desta arte de representar com realidade os aspectos sociais de uma sociedade, porém ela dará um novo sentido e uma nova leitura a mesma:

A arte assume uma posição de distanciamento do real para melhor interpretá-lo. E, apesar de todos os riscos do afastamento da vida, o fazer da arte precisa recorrer, necessariamente, a um certo distanciamento do cotidiano banalizado para poder (re)elaborar e (re)inventar novos sentidos para nossa existência social. (BARBOSA, 2000, p. 71)

Devemos também saber associar o imaginário do real dos filmes, ou seja, temos que ter uma noção do que se trata de algo do universo imaginário nos longas e curtas o que é realmente uma realidade de fato. Muitas produções nos contam histórias de personagens que vivem realidades distintas, algo que é imaginário, porém as diferenças sociais e econômicas são fatores reais, é algo existente que nos cercam diariamente, seja andando pelas ruas de grandes ou de centros urbanos menores.

O imaginário e o real se cruzam com frequência. É válido assim sabermos diferenciar o que não é real e o que é de nossa realidade, pois não é função do cinema mostrar uma realidade em si, mas sim apresentar um fato, um aspecto ou um problema existente com histórias não necessariamente reais e sim fictícias. Para Barbosa (2000) a arte é por essência, uma atividade criativa e a mesma faz uma distinção do que é arte e o que é um produto da indústria cultural. Assim pode-se dizer que o cinema não necessariamente é uma representação daquilo que é realidade, mas um pode influenciar no outro para suas representações.

Podemos também analisar os aspectos paisagísticos que cercam os filmes na indústria cinematográfica. Entender a paisagem, imagens e fotografias nos filmes é compreender o que aquele determinado filme que nos contar, nos transmitir e qual mensagem que produtores e cineastas querem levar para os espectadores. A paisagem cinematográfica tem assim um importante papel para a análise e compreensão de grandes obras do cinema. Queiroz (2017) enfatiza de forma bem clara e objetiva o estudo da paisagem para o entendimento e o desenvolvimento de aspectos ligados e cultura de um determinado espaço, associando-o com a geografia:

No estudo das paisagens humanas, deve-se considerar os fatores culturais em torno do objeto a ser investigado. Na geografia, sobretudo, os estudos de cultura tem enfatizado em tal assertiva a partir de compreensão dos aspectos culturais de uma determinada área onde possibilita distinguir as singularidades e pluralidades contidas no estudo do espaço. (QUEIROZ, 2017, p. 22).

3.2 Termos de enquadramento e perspectiva

A arte cinematográfica e a geografia sempre andaram juntas, principalmente em áreas mais específicas, como a Geografia Cultural que possui uma importante área de atuação nos estudos geográficos em se tratando de várias áreas de estudos e perspectivas, podem ser elas a paisagem cultural, que é um importante objeto de estudo deste meio, o meio social de um determinado lugar que é estudado ou analisado, o que

podem ser lavado alguns fatores como sociais e econômicos. A sétima arte tem, em uma de suas funções, de retratar o espaço urbano ou espaço social-urbano através na captura de imagens em todos os ângulos:

O cinema se torna um arquivo que reúne não somente um vasto repertório de documentação sobre o espaço urbano, quanto sobre as mudanças nas concepções de cidade no imaginário coletivo, uma vez que esse também percebe as mudanças da/na cidade. Formas, volumes, cores, marcas, movimentos, eventos, relações, vidas são registrados pelo olhar da cinegrafia urbana e inscrevem uma cartografia dos lugares através da captura/recriação de suas imagens. (BARBOSA, 2000, p.82).

Os enquadramentos no cinema, apesar de não parecerem, podem ter uma importância significativa para entendermos e analisarmos uma cena ou uma imagem que ali é estudada. Cada enquadramento tem sua importância e seu significado para a cena que ocorre em questão. São cenas mais abertas, ou mais fechadas, câmeras paradas ou em movimento. Há também enquadramentos que são mais voltados para mostrar feição de algum personagem da trama como é o caso do filme *A Paixão de Joana D'Arc* (1928). Segundo Fioravante (2018) a audiência acabou por aceitar as técnicas cinematográficas, e acabaram por fazer parte significativa da arte de fazer história. As técnicas de cinema com o tempo foram evoluindo e novos recursos passaram a ser usados para cortar as histórias aos espectadores.

Para falar um pouco de enquadramentos, câmeras fechadas e abertas são muito utilizadas para fins de demonstrar áreas de cidade ou de um meio urbano. E no mesmo podemos observar os problemas sociais que determinado local possui. Também pode-se falar de uma evolução espacial, muito utilizada em filmes de ficção científica. Pode-se dizer que a câmera aberta mostra mais o ambiente em que a história é vivida. Vale lembrar que este tipo de enquadramento é mais comum em localidades abertas, ou seja, ao ar livre, não que em ambientes fechados como um cômodo não possa ter um enquadramento mais aberto, isso vai depender das características do filme e de como o diretor do filme vai querer trabalhar com este filme de recurso e qual será o seu objetivo. Essa técnica valorizava, em muitos dos casos, o fundo da cena em que eram gravados os filmes:

O espaço dos primeiros filmes é somente uma imagem estática, um conjunto de cenas de fundo ligadas a uma história. É somente quando essas cenas de fundo passam para o primeiro plano que as convenções narrativas tornam-se importantes. Ou seja, surge a ideia de *mise-en-scène*, um espaço dinâmico de ação, um espaço contínuo que atrai os espectadores para a condição de participantes a partir de um posicionamento pré-estabelecido. (FIORAVANTE, 2018, p. 278).

Outra técnica muito utilizada é um enquadramento mais fechado, ou seja, a imagem que nos é proporcionada possui um campo visual menor, mas não que ela tenha

menos detalhe, ou seja, menos importante, muito pelo contrário. Esse enfoque é utilizado, principalmente para detectar emoções de um personagem. Geralmente este recurso de imagem é utilizado em algum momento mais intenso do filme, para expressar sentimento dos personagens que vivem a trama, podendo ser um sentimento de felicidade, tristeza, raiva e entre outros. Pode servir também para mostrar algum objeto específico ou qualquer coisa similar. E geralmente por questões muitas das vezes estéticas, essas cenas mesclam entre o claro e o escuro. Segundo Fioravante (2018) os movimentos da câmera foram inventados e assim surgia também a montagem que, para alguns é o fundamento da arte cinematográfica.

A câmera estática e de movimento tem importantes significados para a arte do cinema. Não podemos deixar de dar importância para este aparelho, pois é através de uma câmera em que se é capturada imagens, formas, cores que assim serão passadas para o público que prestigia ou somente leva essa arte como uma simples forma de lazer.

Não podemos também deixar de falar de dois tipos de recursos de imagem que são muito utilizadas são elas as imagens paradas onde a câmera filme determinada paisagem e a imagem em movimento ou estática, onde a câmera captura algo em movimento e a imagem acompanha a cena em questão.

A imagem da tela é somente um fragmento, um lugar representado e a contextualização espacial nunca deve ser esquecida, uma vez que corre risco de perder toda inteligibilidade da estrutura fílmica. (FOIRAVANTE, 2018, p. 278).

As imagens onde não havia movimentos de aparelhos visuais eram muito comuns nos primeiros anos do cinema, pois os recursos naquela época eram escassos, não havia muita tecnologia naquela época. A movimentação dos aparelhos vieram anos mais tarde. Esse tipo de recurso pode ser usado mais especificamente para demonstrar algum problema social em que a história vivencia, como na filmagem de comunidades de um determinado local, problemas de saneamento básico, dinâmica de uma cidade como o movimento de uma rua ou até mesmo de uma avenida.

Vale ressaltar outro tipo de recurso bastante utilizado é a câmera em movimento, que é visto em basicamente todos os filmes, salve algumas exceções por questões de estética que utiliza a câmera estática em seu longa como um todo. Este tipo de técnica pode estar acompanhada por vários momentos do filme, seja numa cena de ação, cenas mais intensas de personagens como brigas, discussões. Por ser um recurso mais dinâmico, o mesmo pode dar mais movimentação a trama.

Vale lembrar também que estes dois últimos recursos possuem coisas em comum, visões de sociedade, diferenças de classe, antagonismos e entre outros aspectos podem estar associados a eles. O modo como cada um vai ou deve ser utilizado irá depender exclusivamente de quem está a produzir o filme. Ambos trazem à tona dinâmicas sociais e como é vivida no meio.

Em suma, paisagens cinemáticas são criadas a partir dos locais onde as filmagens ocorrem e, nesse sentido, elas estão conectadas com determinadas práticas cinematográficas. Essas práticas estão correlacionadas diretamente com a ideia de função já que a ambivalência existente entre a forma do local e sua função são negadas pelos pesquisadores que utilizam a concepção em suas reflexões. (FIORAVANTE, 2018, p. 286).

O enquadramento tem uma fundamental importância para entendermos o que acontece em determinada cena, o que aquela imagem quer nos passar, qual a mensagem que o filme e o diretor querem nos deixar. Um filme não depende somente de falas, de atuações, pois há outros aspectos que são envolvidos na compreensão e no entendimento do mesmo, o que deixa claro que cada um contribui para a construção de uma produção cinematográfica.

3.3 Aspectos artísticos do cinema

A arte tem uma fundamental importância para entendermos a dinâmica, estrutura e evolução de uma sociedade. Isso pode ser notado e percebido há muitos anos desde os períodos de pinturas rupestres, onde os homens que viviam em cavernas faziam pinturas de pessoas e animais na qual mostravam sua convivência com os animais que conviviam. Pinturas religiosas eram muito comuns no período medieval, pois a estrutura governamental naquela época era regida por grandes religiosos. No Brasil, não podemos deixar de falar das músicas que eram compostas durante o Regime Militar (1964/1985), onde as canções faziam críticas a este tipo de governo, no qual muitos famosos foram exilados, presos, torturados e muitas pessoas foram mortas. A arte assim vai se moldando de acordo com a estrutura social e assim vai se modificando com o tempo, explicando e mostrando algo para a sociedade, em muitos casos como uma forma de crítica social. Segundo Barbosa (2000) é através de sua qualidade de abrir-se para o invisível que se funda a possibilidade da arte de atualizar o passado e indagar sobre o futuro. Assim a arte, em todos os aspectos se modifica, e vai se moldando a fim de se adaptar a uma sociedade. Não deixando jamais de se pensar no passado e também no futuro.

Alguns aspectos artísticos voltados para o cinema são de grande significância para compreendermos o que determinado filme quer nos transmitir, alguns destes aspectos são a fotografia, trilha sonora, o trabalho corporal e facial do artista, ou seja, a sua atuação. Assim pode-se dizer que o cinema é um grande conjunto de artes dentro de uma, não é para menos que é chamada de sétima arte.

A fotografia tem um papel fundamental no cinema. Pois sem a fotografia não há cinema, e é através deste recurso, com a utilização de imagens que é perceptível algumas das mensagens, memórias ou lembranças que os filmes querem nos passar. Uma imagem nos mostrar cenas dos mais diversos tipos e dos mais diversos gêneros. A utilização deste recurso também é vista com bastante frequência para causar certo impacto para o espectador, como é o caso em filmes que abordam os problemas sociais em nossa sociedade. É possível citar alguns destes filmes como Cidade de Deus (2002) de Fernando Meirelles, Tropa de Elite (2007) de José Padilha e entre vários outros filmes, sejam eles brasileiros ou não que trabalham bastante com esta abordagem em seus filmes:

A técnica da fotografia, segundo Benjamin, preparava a substituição da memória involuntária (no sentido proustiano) pela memória voluntária constituída pelas fotos antigas que podem ser consultadas para ativar lembranças. (BARBOSA, 2000, p. 77).

A fotografia como um recurso visual, tem sua significância em vários aspectos e é utilizada também para causar impacto para quem está assistindo ao filme, causa emoção, tristeza, raiva, nos faz refletir e repensar sobre muitas coisas e conceitos. A mesma nos mostra em alguns casos problemas de desigualdade social, como imagens de comunidades, pessoas em situações de pobreza, interior de casas de classes mais desfavorecidas e entre outros problemas sociais. As fotografias assim podem nos passar críticas sociais, fazer denúncias de uma sociedade que ainda tem muito que melhorar, como é o caso do nosso país. Este recurso é um importante registro do fenômeno e também um forte aliado em trabalhos de campo na Geografia para se analisar e estudar a realidade em que se está inserida.

Não somente a fotografia é um recurso artístico importante no cinema, ou o mais importante, pois o trabalho do artista em cena também tem sua grande importância, pois é através do mesmo que o ator ou a atriz, do roteiro que lhes são entregue, vão trabalhar, entender a cena e irão passar para o público o que aquele filme, ou mais especificamente aquela cena quer nos passar. Isso pode variar desde um conflito e problemas sociais, relacionamentos, convivência social, adaptações em diferentes lugares e regiões e entre

diversos outros. Por isso é muito importante que o artista estude, pesquise e faça laboratórios antes para a interpretação do seu personagem, para poder entendê-lo da melhor maneira possível e assim poder viver o mesmo no filme em que é produzido.

Acompanhando recursos artísticos dentro do cinema como a fotografia e a interpretação do artista em si têm também a utilização de recursos de músicas ou mais precisamente de trilhas sonoras. Esta marcou muitos filmes ao longo dos anos, seja aqui no Brasil ou no exterior. Elas servem muitas das vezes para dar mais intensidade aos filmes. Este recurso marcou filmes de grandes cineastas, como os casos de Alfred Hitchcock e também de Steven Spielberg, que possuem trilhas sonoras memoráveis e que marcaram gerações. São utilizadas muitas vezes para expressão emoção de quem está assistindo ao filme, seja medo, tristeza, amor, suspense e também algum conflito. Vale lembrar também que a pintura, escultura, literatura, artes plásticas e entre outros, também são importantes recursos cinematográficos muito presentes em muitos filmes.

Em longas que abordam problemas ou desigualdade social, essa parte da trilha sonora, muitas das vezes ficar por parte do som ambiente, ou seja, não há uma existência de música em si. Pois o barulho da ambientação dá uma realidade maior ao filme, como por exemplo, o som ou o barulho que se escuta nas comunidades, em conjuntos habitacionais, na periferia, locais públicos e outros. Quase não há existência de uma trilha sonora em si, porém não se pode dizer que a mesma é inexistente. Sobre aspectos musicais em filmes, é importante ressaltar que:

Podemos dizer que a música ajuda a estruturar os tempos de uma sequência cinematográfica não somente pelas pulsações rítmicas, mas também pelo fenômeno da espera (geralmente inconsciente, reflexo) da cadência. A variação de dinâmicas musicais pode criar também esse efeito de temporalização: um crescendo musical pode criar uma expectativa em relação ao máximo de intensidade que ele vai alcançar, criando uma sensação de tempo, pois temos uma referência auditiva de limites de intensidades sonoras. (BAPTISTA, 2007, p. 24).

Estes recursos artísticos usados no âmbito cinematográfico nos ajudam a compreender a analisar um filme. Pelo menos alguns deles são usados em sua totalidade em alguma produção cinematográfica, para mandar alguma mensagem ao espectador. E em longas de abordagem de problemas sociais não fica fora disso, pois a utilização destes quesitos artísticos são muito importantes para a construção e no desenvolvimento dos mesmos.

4 ANÁLISE DOS FILMES

4.1 O Som ao Redor

O Som ao Redor é um longa-metragem dirigido pelo cineasta Kleber Mendonça Filho no ano de 2012, sendo este seu primeiro filme ficcional. O filme narra o cotidiano de famílias diferentes de uma rua no bairro da Boa Viajem (classe média) na cidade de Recife, um dos bairros mais famosos da capital pernambucana. Os moradores desta rua contratam um sistema de seguranças que ficam de vigia na rua durante o dia, o que poderia ser uma possível solução para os problemas de violência de uma cidade grande, possa vir a ser um problema também. Segue abaixo um pôster promocional do filme em questão.



Figura 1: Pôster do filme O som ao redor/ Fonte: Wikipédia

Em suas primeiras cenas, vemos crianças a brincar em um *playground* de um prédio de alto padrão são cuidadas e monitoradas por diversas babás (figura 2). Nestas



Figura 2: Cena do filme O som ao Redor/Fonte:Vitruvius

primeiras cenas já observamos contrastes sociais, onde observamos prédios de classe média alta e também de classe alta a se misturar com as babás ou cuidadoras das crianças.

Há muito que se falar neste filme, já no primeiro momento podemos citar a sua trilha sonora, que condiz muito com o título do mesmo. Não é muito comum longas utilizarem o ruído do dia a dia, como trilha e *O Som ao Redor* usa deste artifício com grande maestria. Ouvimos barulho de carros, de buzina, de crianças brincando, aparelhos domésticos e eletrônicos e assim por diante. Seria essa uma possível mostra de um retrato do cotidiano de pessoas comum, uma proximidade com aquilo que é real. Em sua crítica ao filme João Batista de Brito mostra isso de forma bem clara no livro *Os 100 Melhores Filmes Brasileiros*, organizado por Paulo Henrique Silva:

Vejam, por exemplo, que a faceta descritiva já tem muito da metonímia que está no título: as cenas são do cotidiano, mas a ênfase é na poluição sonora que caracteriza a vida urbana no Brasil – latidos de cães, trânsito, furadeiras, gritos infantis, televisões ligadas, carrinhos de CD pirata, aspiradores de pó, etc... são os sons ao redor que infernizam a existência e escondem uma violência subliminar. (SILVA, 2016, p. 77).

O longa retrata muito a violência, e essa pode ser vista em vários momentos desde pequenos atos como em problemas maiores. Primeiro podemos citar a busca de uma dona de casa em tentar se livrar do cachorro de um vizinho que a incomoda

diariamente. No filme podemos ver essa senhora em tentar se livrar do mesmo tentado envenenar o animal, porém não obtém muito sucesso. Temos também outros casos ligados à violência como o modo que um morador trata os vigilantes da rua após um telefonema anônimo (que pode ser tratado claramente como uma violência psicológica), o modo como o senhor Francisco fala também com os vigilantes em diferentes momentos do filme pode também ser visto como violência e falas de discriminação. Até mesmo na atitude dos moradores de um prédio com o seu porteiro idoso, pois o mesmo se mostra infringindo regras e por este motivo há uma reunião entre os moradores para saber qual atitude tomar.

Não se pode deixar de caracterizar também as imagens que estão presentes no filme, percebe-se que não é mostrado, ou é pouco mostrado imagens da cidade de Recife, ou seja, praias e pontos turísticos. Observamos cenas mais internas, dentro de casas, de lares, da rua onde acontece a estória. O cotidiano dos personagens é o que fala mais alto, o longa não se mostra como uma propaganda da cidade com o fito turístico, mas sim uma tentativa de mostrar uma crítica social que pode acontecer não somente na cidade de Recife, mas como em qualquer lugar, talvez seja esse o grande encanto do filme, a fuga de estética para “inglês ver” e se mostrar algo que seja mais próximo do nosso real.

O Som ao Redor possui grandes interpretações, dando foco para o velho Francisco, latifundiário interpretado por W. J. Solha. João, neto de Francisco, interpretado por Gustavo Jahn. Clodoaldo, um dos seguranças interpretado por Irandhir Santos e Bia, dona de casa interpretada por Maeve Jinkings. E sem falar do seu grande roteiro, talvez a grande ponto forte do filme.

Como dito, o roteiro pode ser a grande chave para este filme, as grades interpretações, o desenrolar da trama, o capricho com sua trilha sonora diferente e pouco vista, sua fotografia. Os contrastes sociais que podem ser vistos em muitos momentos filme mostram que O Som ao Redor é um filme que valoriza um bom roteiro e o segue a risca com muita sofisticação:

As interpretações dos atores são, todas elas, excelentes, mas *O som ao redor* me parece um caprichoso “filme de roteiro” em que concepção de cenas, manuseio do som e edição de imagens são perfeitos. (SILVA, 2016, p.79).

O filme tem o problema da violência e de problemas sociais como seus principais focos. Em algumas cenas no decorrer do longa é possível vermos contrastes sócias, isso é mostrado não em imagens de bairros de classe alta com os classe baixa,

mas é mostrada nos personagens, onde os moradores da rua no bairro de Boa Viagem são consideradas pessoas de certos privilégios enquanto os vigilantes ou seguranças contratados e os empregados que são mostrados na trama são pessoas de padrão de vida social bem menor dos citados anteriormente.

A violência social no filme pode ser observada na trama, que está também atrelada aos problemas sociais, uma violência tanto ligada ao meio urbano quanto aquela arcaica, ou até mesmo rural. Pois no decorrer da trama, o filme nos mostra que os seguranças contratados estão à procura de justiça, porque o velho latifundiário Francisco havia matado o pai dos rapazes disfarçados de vigilantes.

Se a coisa mais explícita no filme de Kleber Mendonça Filho é o som, a menos explicitada (e por isso mesmo, mais gritante) é a violência, tanto a atual, urbana, como aquela outra, arcaica, que vem do passado do velho Francisco e seu Nordeste latifundiário. Para usar uma metáfora intertextual bem cabível (conferir o *Macbeth*, de Shakespeare), são o som e a fúria numa mesma isotopia fílmica. (SILVA, 2016, p.79).

O diretor do filme Kleber Mendonça Filho nos mostra uma visão de uma Recife que ainda é vista no Brasil inteiro. Um país que ainda é fortemente marcado pelo seu passado e que ainda apresenta cicatrizes da mesma, onde os brancos apresentam mais privilégios que as pessoas negras. Pois no filme podemos notar que as empregadas domésticas são interpretadas por mulheres de cor negra. Assim podemos dizer que *O Som ao Redor* é um retrato do Brasil no século XXI:

Mendonça Filho oferece ao espectador uma visão particular da Recife do século XXI na qual o brilhante mundo das aparências parece caminhar para um ambiente baseado em valores opressores. A rua é o enclave privilegiado do patriarcado. Os brancos continuam a ter empregados negros, que são tratados como membros da família – exceto quando não o são. E os pobres continuam a ser empregados para proteger, dos criminosos pobres que certamente devem estar procurando uma forma de sobreviver em outro lugar, aqueles que possuem dinheiro e propriedades. (DA COSTA, 2016, p. 12).

A geografia encontra-se muito presente em *O Som ao Redor*, um longa que narra diferentes problemas sociais de um país que vivencia o século XXI, mas que ainda parece viver sob forte influência do passado. Isso tudo através de um roteiro bem escrito e de um filme bem desenvolvido.

4.2 Amarelo Manga

Amarelo Manga é o longa-metragem do cineasta pernambucano Cláudio Assis de 2002. O longa mostra com muita clareza uma Recife caótica, uma cidade mais marginalizada, mais periférica. Bem diferente, por exemplo, de *O Som ao Redor*, de Kleber Mendonça

Filho, onde a história da trama é retratada em um bairro de classe média, no qual a maioria dos personagens principais da trama são pessoas de classes sociais mais abastadas. Segue abaixo o pôster do filme:



Figura 3: Pôster do filme Amarelo Manga/ Fonte:Wikipédia

O filme retrata aposta numa crítica a uma gentrificação da cidade, numa parte da cidade deteriorada. Isso pode ser vista de forma bem nítida em sua fotografia, que se aproxima muito de uma realidade (figura 4). A mesma pode ser vista no Bar Avenida (figura 5), onde parte da história é contada, no hotel, nas ruas, nas casas e também nos ambientes internos:

Rodado em Recife com baixo orçamento (quase R\$ 400 mil), o filme aposta no espaço urbano deteriorado para contrapô-lo criticamente à gentrificação excessiva. Sabemos logo de início que não se trata do retrato turístico comum da cidade, com praias e sua publicidade *fake* de harmonia social. (SILVA, 2016, p. 370).



Figura 4: Cena do filme Amarelo Manga/ Fonte:Videocassete



Figura 5: Cena do filme Amarelo Manga/ Fonte: YouTube

No longa de Cláudio Assis, observamos em algumas fases da história do filme, imagens de uma Recife mais marginalizada, uma cidade mais “distante” daquilo que vemos em prédios de alto padrão na orla das praias. Assim pode-se dizer que Amarelo Manga não se preocupa com aspectos turísticos ou qualquer outra forma de incentivar o turismo local, mas sim mostrar os grandes problemas sociais que existem na cidade, principalmente na região da periferia.

As histórias do filme apresentam pontos diferenciados, as mesmas se cruzam com a vida do cotidiano, apresentando assim os problemas dos personagens para o público em questão. Histórias que vão desde uma dona de um bar que é assediada constantemente pelos homens que frequentam o bar, uma crente que descobre através de uma carta anônima que o marido a traía, machismo, homofobia, fetiches e assim a história vai se desenvolvendo. Mostrando os traços e características presentes de cada personagem da trama.

O longa possui um elenco de peso, Leona Cavalli interpreta Lígia, a dona do Bar Avenida, Jonas Bloch vive Isaac, Chico Diaz interpreta Wellington Canibal, Matheus Nachtergaele dá vida ao personagem Dunga e Dira Paes interpreta Kika e outros. Todos com características bem diferenciadas, com problemas diferentes, anseios e vontades.

Um dos aspectos positivos do filme é sua fotografia, com cores vivas e intensas, com uma forte predominância do verde e principalmente do amarelo. Essa última cor se encontra muito presente no filme, seja na sua belíssima fotografia e também em outros momentos do filme como frases ditas. Um frequentador do Bar Avenida, uma locação onde se passa a trama diz a seguinte frase: “Amarelo é a cor das mesas, dos bancos, dos tamboretas, dos cabos, das peixeiras, da enxada, e da estrovenga, do carro de boi, das cangas, das remelas dos olhos dos meninos, das feridas purulentas, dos escarros, das verminoses, das hepatites, das diarreias, dos doentes apodrecidos.”

Saturada por cores fortes, a bela fotografia de Walter Carvalho destaca o verde e amarelo como pulsões à trama. Tais cores marcam território em cada cena, indicando que, mesmo extravagante, há escondido um ranço moral nada feliz. (SILVA, 2016, p.372).

Amarelo Manga tem uma fotografia bem própria, uma paisagem que se contrasta em alguns dos momentos, onde temos imagens ao fundo de bairros mais elitizados e num plano mais próximo a periferia, onde é retratada a história do filme. Mostrado assim uma paisagem ou uma vivência social mais marginalizada, violenta e mais problemática, ressignificando assim o cinema e o modo de ver a cidade.

A paisagem fílmica é constituída nesse sentido de uma paisagem material, concreta, que é a imagem do próprio espaço, seja ele natural ou construído, de uma paisagem sonora e de uma paisagem social. O cinema participa da vida moderna de tal ponto, que ajuda na construção imagética e discursiva nos espaços. No caso das cidades tanto as conhecemos como ressignificamos por meio dos filmes, que ajudam a construir a sua imagem. (JÚNIOR, 2018, p.180).

Além dos problemas das desigualdades sociais, que são muito bem retratadas e expostas durante o desenrolar da trama, temos também a questão da violência ou mesmo a violência urbana no filme. Lígia (Leona Cavalli), a dona do bar é constantemente vítima de assédio sexual no bar em que trabalha e que também é dona. Durante a película há um dos personagens diz a seguinte frase: “Parece puta, mas ninguém comeu ela”. E também Isaac, personagem vivido por Jonas Bloch a tenta beijar a força. Temos também Kika vivida por Dira Paes que, ao descobrir que era traída pelo seu marido agride o mesmo e a mulher com que ele vivia um caso. Durante a trama temos outros casos de violência que podem ser observamos. Problemas esses que podem ser vistos e vivenciados não somente em regiões periféricas, mas como em qualquer outra localidade.

Os problemas sociais contados no filme são vistos em praticamente toda sua trama, problemas esses que vão desde a estética dos locais onde são ocorridos a trama, desde o bar humilde, o linguajar dos personagens, local de trabalho de cada um. Um aspecto muito interessante que o filme mostra quanto diz respeito a problemas sociais é

o mesmo não se preocupa muito com a estética dos lugares, forma a decadência das ambientações, como tinta de paredes sendo descascadas, móveis geralmente usados por pessoas mais humildes, as casas geralmente são amontoadas umas nas outras. Ou seja, o filme que mostrar ao espectador que a ambientação é realmente passada numa região periférica, que em muitos momentos é esquecida pela sociedade.

Amarelo Manga é um filme que nos mostra uma relação de poder, erotismo, crenças, desejos, vibrações de cores fortes e destacadas que dão mais ênfase aos problemas sociais que são encontrados na trama.

No filme de Assis, o desejo encontra-se no limiar das relações de poder, entre a submissão e exaltações. A pulsão erótica vibra em cores saturadas que dão relevo ao contraste da desigualdade social. Em certo momento, uma série de rostos expressivos evoca a possibilidade de realização plena e libertária do desejo. (SILVA, 2016, p. 370).

O longa de Cláudio Assis também se preocupa em mostrar a ambientação da trama como um todo, e por isso, em algumas cenas é comum notarmos câmeras de um plano mais aberto e também com um jogo de câmera que de vai de cima para baixo. Essa movimentação é importante para mostrar a ambientação e suas características, como os aspectos visuais (aquilo que compõe a cena) e também as ações dos personagens, o que faz com que o espectador tenha outras visões do filme que fogem algo daquilo que é mais padrão.

Amarelo Manga se mostra um filme que retrata vários aspectos, pode parecer um filme simples, mas ele é complexo e ao mesmo tempo completo ao tentar narrar suas histórias e seus problemas, que é o melhor que se tem no filme. Problemas sociais ou socioeconômicos muito presente no filme e sua totalidade, violência nos mais diversos aspectos muito presentes na cultura brasileira. Cláudio Assis deixa uma mensagem para todos que, infelizmente a violência e as desigualdades sociais são fatores culturais da sociedade brasileira. E não podemos deixar de enunciar o machismo, erotismo, crenças religiosas, sexualidade e outros aspectos que são ditos durante o desenvolver da trama.

4.3 Baixio das Bestas

Mais uma vez o cineasta Cláudio Assis traz um grande sucesso do cinema pernambucano, agora esse com uma roupagem um pouco diferente, porém desta vez o filme é ambientado no meio da zona da mata pernambucana. Isso se mostra ser um pouco mais distante do centro urbano da cidade de Recife, mas podemos relacionar a violência existente do meio sertanejo com o meio urbano recifense, para assim a gente

poder entender a relação da violência existente de cada meio. Abaixo um pôster promocional do filme:



Figura 6: pôster do filme Baixio das Bestas/ Fonte: Wikipédia

O filme mais parece um retrato de um povo esquecido, isolado pela sociedade, um lugar onde poucos vivem, onde o acesso aos serviços mais simples parece complicado, não é para menos que o personagem Cícero, interpretado por Caio Blat, estuda na capital pernambucana e parece ir com frequência na sua cidade natal para visitar seus parentes e fazer coisas nas quais ele não tem acesso na cidade de Recife. O mesmo deixa bem claro seu desgosto pela cidade e pela faculdade, influenciado muitas das vezes por Everardo (Matheus Nachtergaele) que aqui aparece mais uma vez no filme do diretor Claudio Assis numa atuação brilhantíssima.

Em Baixio das Bestas (2006) o tempo parece ter parado, onde nada chega, onde poucas coisas acontecem, e o que acontece pode ser definido como uma verdadeira violência humana, principalmente se tratando de violência contra a mulher (figura 7). O Longa possui cenas fortes de violência sexual e contra a mulher. São cenas explícitas e

fortes de estupro e de um avô usando o corpo de sua neta como um objeto sexual para tirar dali um sustento.



Figura 7: Cena do filme Baixio das Bestas/Fonte: pstu

Em sua crítica ao filme de Cláudio Assis, Amanda Aouad (2014) diz que o que chama atenção no filme é como o mesmo é contado, seu desenvolvimento, a preocupação com os detalhes do filme, a ideia do imutável, ou seja, tudo aquilo que faz a construção de cada elemento de filme. Desde a construção dos personagens até a trilha sonora.

Baixio das Bestas parece ser um filme que não é retratado no século XXI, pois é muito difícil pensar que ainda existam coisas que são retratadas no filme que ainda aconteçam. A grande sacada de Cláudio Assis talvez seja isso, mostrar que isso ainda acontece e é mais comum que a gente possa imaginar. Isso tudo através de um cenário bem bucólico, mais rural, bem longe dos grandes centros urbanos, onde esse tipo de coisa também acontece com bastante frequência, principalmente em regiões de periferia e lugares marginalizados.

O filme se passa em uma localidade pobre, onde a riqueza está concentrada nas mãos de poucas pessoas, como é o caso da família do Cícero (Caio Blat), onde o mesmo estuda na cidade de Recife. Assim, podemos entender que ele e sua família possuem uma condição social melhor que o resto dos personagens e dos moradores que ali habitam.

Baixio das Bestas, assim como Amarelo Manga, longas de Claudio Assis, conta com um elenco de peso e que dão um grande brilhantismo para seus personagens. Aouad (2014) destaca a competência dos atores e na construção dos personagens, que vão desde os atores principais da trama até os coadjuvantes e os menos conhecidos até então. Sendo assim, podemos destacar aqui as interpretações de Fernando Teixeira, Caio Blat, Matheus Nachtergaele, Dira Paes, Hernima Guedes, Irandhir Santos e Mariah Teixeira.

Outro ponto alto do filme que podemos ver claramente os problemas de desigualdade social existentes é na fotografia do filme. Nela podemos ver claramente a casa em que o personagem Cícero vive é de uma família de classe média, que tem condições de sustentar seu filho nos seus estudos em uma cidade melhor, no caso de Recife, e por conta de ser uma capital, é uma cidade mais cara para se viver. E as outras localidades do filme como a casa de seu Heitor e sua neta Auxiliadora, que são pessoas de renda baixa, sendo que a segunda é forçada pelo seu avô a se prostituir. E o bordel onde as prostitutas ficam. Este bordel é mostrado como um dos poucos lugares de divertimento para os homens daquela localidade.

Apesar destes aspectos de violência bruta e gratuita, Baixio das Bestas também mostra outros aspectos que engrandecem o filme como a exploração da cana-de-açúcar, como uma fonte de renda muito importante para a região onde é retratada o filme e assim a atividade econômica principal da cidade e a exploração de mão-de-obra barata para esse tipo de trabalho na região, onde as pessoas que ali trabalham estão a realizar a atividade de sol a sol. E também o Maracatú (movimento cultural e folclórico do interior do Pernambuco que envolve dança e música). Apesar de aparecer muito pouco no filme, talvez a aparição do mesmo seja um momento diferenciado do filme, pois com cenas pesadas e fortes a mesma aparece para dar uma leveza e uma sutileza ao filme. O que mostra que não é o seu foco, mostrar um lado de cultura, música e história do estado, mas sim fazer uma denúncia aos problemas sociais que existem no seu estado, que não é existente somente em Recife, mas em uma totalidade do estado do Pernambuco.

Outro aspecto cultural que pode ser visto no filme é sua trilha sonora, que traz músicas e canções que remetem bem a região, algo mais interiorano nordestino, que relata por muitas das vezes uma vida sofrida, a pobreza extrema e um povo que trabalha muito, que é explorado diariamente e que infelizmente recebe pouco. Essa exploração

da mão-de-obra também é pode ser pautada em sua obra, pois Cláudio Assis a coloca com muita precisão com cenas de trabalho em canaviais durante o filme.

Baixio das Bestas é um filme bem escrito, com uma bela fotografia, que remete ao claro e escuro (figuras 8 e 9), mais predominante as cores escuras para dar um ar mais sombrio, mais tenebroso e até mesmo mais pobre, pois a região remete bastante a pobreza das pessoas que ali habitam. Uma trilha sonora mais regional, que acaba trazendo mais identidade para a região e para o filme, atuações marcantes e fortes de todos os atores dos filmes, tanto para os mais experientes quanto aos estreantes.



Figura 8: Cena do filme Baixio das Bestas/Fonte: Cinepipocacult



Figura 9: Cena do filme Baixio das Bestas/Fonte: Papo de cinema

O filme tem poucos pontos negativos que se associam, é um filme relativamente curto, pois têm 80 minutos de duração, o que é compreensível para um filme

independente e de baixo orçamento e por fim a expectativa que o filme apresenta. Pois o desfecho de alguns personagens no filme não são mostrados, de forma clara, ou não apresentam de fato um clímax. Em sua análise crítica, Clovis Geraldo (2007) descreve que Baixo das Bestas é muito pouco filme para tanta expectativa e que alguns dos personagens do filme ficou sem um desfecho próprio, fica subtendido aquilo que era para ser mostrado de forma clara.

O filme de Cláudio Assis mostra mais uma vez os problemas de desigualdade social, de violência explícita que muitas das vezes a sociedade fecha os olhos. Mostrando com cenas fortes e violentas que este problema está bem mais próximo da gente, e que muitas das vezes fechamos nossos olhos para o mesmo.

4.4 Árido Movie

Mais um excelente filme pernambucano entra na lista de filmes de podemos falar claramente sobre desigualdades sociais, sendo este bastante atrelado também a violência local. Árido Movie (2006) é um longa dirigido pelo então pernambucano Lício Ferreira, que mostra basicamente história voltada a vingança. Algo que ainda pode ser muito encontrado no interior do país, aquela ideia de fazer “justiça com as próprias mãos”. Abaixo o pôster do longa:



Figura 10: Pôster do filme Árido Movie/Fonte: Wikipédia

O longa é passado em três localidades, rapidamente na cidade de São Paulo, na cidade de Recife e no sertão Pernambucano (figura 11), numa pequena cidade chamada

Rocha, onde o tempo faz parecer que não passou. A ambientação principal aqui é no sertão de Pernambuco, onde podemos observar, ao longo do filme paisagens que retratam bem este tipo de lugar. A seca, a pobreza, a miséria se fazem bem presentes no filme e estas imagens e paisagem se encontram presentes praticamente em todo o filme.



Figura 11: Cena do filme Árido Movie/Fonte: ebc

O tempo, no filme de Lírío Ferreira apresenta duplo sentido, pois ao mesmo tempo em que parece que o local parou no tempo, isso se deve ao fato de como algumas pessoas vêm a ideia de resolver suas pendências, temos também a concepção de algo moderno, uma evolução social, pois vemos na cidade sertaneja, carros, televisores, uma certa movimentação na cidade que em muitos lugares não são encontradas. Segundo Silva:

Em *Árido Movie*, para além de intensificar essa ideia de dessacralização dos mitos sertanejos, Lírío Ferreira irá ainda mais adiante no que tange um discurso pós-moderno sobre a região: o filme trabalha a desconstrução de um ideal de isolamento geográfico sobre o sertão, na medida em que apresenta um espaço invadido pela pós-modernidade (invasão material: estradas, carros, televisores, celulares) e um sertanejo cindido entre a tradição e uma pós modernidade cultural. (SILVA, 2015, p.67).

Árido Movie conta a história de um jornalista chamado Jonas (Guilherme Weber) que mora em São Paulo onde apresenta a previsão do tempo de um jornal. O mesmo descobre a morte do seu pai que não o via há muito tempo. Então o jornalista vai até o interior do Nordeste se despedir do pai que fora assassinado. Na cidade natal ele conhece parte da família que ainda não conhecia e os mesmos cobram que ele faça justiça ao seu pai.

No filme vemos muito o antigo e o moderno andando juntos, o antigo seria o ideal de justiça para a família de Jonas, no qual o assassino de seu pai também deve morrer, o que parece ser muito comum em regiões interioranas, mais comum até que no meio urbano e um certo caráter moderno na cidade, pois percebemos que ela não é totalmente isolada, pelo fato de as pessoas terem acesso a rede de telefonia celular, televisores, estradas pavimentadas que ligam até o município.

As desigualdades sociais no filme são claramente expressas nas relações de poder do filme. A família de Jonas é composta por políticos da região. Seria essa então uma família poderosa e também perigosa, que realiza desvio de verba para a irrigação de terras onde há plantação de maconha na região, onde é vendida para outras localidades, principalmente na cidade de Recife. Feito esse pode ser comprovado pelos amigos de Jonas, Falcão (Gustavo Falcão), Bob (Selton Mello) e Vera (Mariana Lima) que são moradores de uma Recife de Classe média alta que incentivam essa produção da droga, pois são usuários da mesma. Pode-se dizer assim, que na cidade de Rocha há uma grande busca pelo poder vinda da Família de Jonas, na qual ele procura não se envolver. Segundo Silveira:

Em *Árido Movie*, a política assistencialista dos envios de verba por deputados federais para a compra de água em “caminhões-pipa” para a fazenda de Meu Velho e os desvios de verba para promover a irrigação de vários hectares de terras em fazendas com plantações de maconha, também corrobora para o individualismo e a competição desenfreada do lucro e detenção do poder econômico/ideológico na fictícia cidade pernambucana de Rocha. (SILVEIRA, 2014, p. 63).

Em poucos momentos em que aparece a cidade de Recife, podemos analisar que é mostrada uma cidade mais desenvolvida e mais rica que a cidade de Rocha. Pois, a personagem Stela (Renata Soorah), parente de Jonas vive em um apartamento de alto padrão na capital pernambucana. Seus amigos também são personagens de uma condição de vida melhor, pois todos apresentam celulares modernos, cartões, carros e outros aspectos. Enquanto os moradores da cidade fictícia são moradores mais simples, onde possuem menos recursos daqueles que são moradores de Recife. O que mostra que uma cidade maior pode trazer mais prosperidade do que uma cidade menor e este tipo de pensamento ainda é muito enraizado nos brasileiros.

As desigualdades sociais podem ser vistas em todo filme, pois o mesmo remete muito a pobreza do sertão (figura 12), onde muitas pessoas possuem pouco, não possuem bens essenciais para sobreviver como a fome e a seca e até mesmo pessoas de condições de vida um pouco melhores, mas que não pode-se dizer que as mesmas vivem bem, mesmo tendo algum tipo de bem. Pois, o filme busca tirar um pouco aquela ideia de que o sertão está associada à pobreza e algo mais retrógrado.



Figura 12: Cena do filme *Árido Movie*/Fonte: Canal Brasil imprensa

Árido Movie mostra um sertão que está se modernizando, com abertura de novas estradas, inovações tecnológicas e até mesmo transformações ligadas no meio social e cultural, onde não existe somente pobreza no meio do sertão, há também aqueles que podem viver bem nesta terra, sendo elas pessoas ricas ou não. Segundo Silva:

A narrativa é de novo sobre sertões modernos, mas agora sertões que se apresentam, além de modernos, contemporâneos. A proposta agora é ainda mais ousada que aquela apresentada na película anterior, na medida em que o filme além de aprofundar o processo de dessacralização do espaço e do mito sertanejo iniciado anteriormente (talvez afirmado em um autorreconhecimento pleno que assume que assume o narrador de sua condição pós-moderna), aponta para a emergência de modernizar o conceito de sertão que abranja e contemple as transformações por que passaram a região (as transformações econômicas, culturais e sociais). (SILVA, 2015, p. 86).

Árido Movie remete um certo crescimento e prosperidade do sertão numa cidade fictícia, que busca não trazer uma história real, mas tem como intuito de desmistificar o

propósito de que tudo que vem do sertão é pobre, subdesenvolvido e não é prospero e somente grandes centros urbanos como Recife, que é retratada na história como sendo uma cidade desenvolvida e pulsante onde somente aquele lugar é rico. Vemos neste filme uma cidade localizada no semi-árido onde temos certos tipos de recursos onde também é vista em grandes cidades. Talvez esse seja o grande marco do filme, a pobreza e a riqueza existem em qualquer lugar.

O longa de Lício Ferreira conta com um grande elenco, estrelado por Guilherme Weber, Selton Melo, Mariana Lima, Giulia Gam, Gustavo Falcão, José Dumont, Matheus Nachtergaele, Ranata Sorrah e outros que compõe o corpo de artistas. Não podemos deixar de falar do roteiro do filme que retrata bem a história local com diálogos rápidos que não é de enrolar ou confundir o espectador e que deixa o seu recado com bastante clareza, uma belíssima fotografia do sertão pernambucano e também de alguns momentos da cidade de Recife (principalmente da orla litorânea da cidade) e claro, ao belo trabalho do diretor Lício Ferreira.

Árido Movie foi bem criticado pelos especialistas na época em que fora lançado recebendo e vencendo grandes prêmios em festivais de cinema pelo Brasil, sendo alguns deles o Festival de Cinema de Pernambuco e também o Grande Prêmio Cinema Brasil, premiando tanto parte artística como técnica.

4.5 Aquarius

Aquarius (2016) é mais um grande filme do cineasta Kleber Mendonça Filho que se passa na capital pernambucana e que trata principalmente de assuntos ligados a especulação imobiliária, gentrificação, assédio, vivencia da mulher na terceira idade, luta de classes e outros aspectos que podem ser vistos no filme. A seguir o pôster promocional do filme:



Figura 13: Pôster do filme Aquarius/Fonte: Wikipédia

A história do filme se passa no bairro de Boa Viagem (figura 14), um dos bairros mais famosos da cidade de Recife e um dos mais tradicionais, onde podemos encontrar prédios de alto padrão em sua orla ou até mesmo no bairro como um todo. Isso é muito mostrado no filme com sua belíssima e delicada fotografia. E aqui também podemos notar uma grande evolução da cidade, onde prédios mais antigos estão dando lugar a construções e edificações cada vez mais modernas, edifícios cada vez mais altos. O que dá uma ideia de uma Recife moderna.



Figura 14: Cena do filme Aquarius/ Fonte:Adoro Cinema

Aquarius nos conta a história de Clara (Sonia Braga), uma mulher com mais de sessenta anos que é a única moradora, melhor dizendo, a última moradora do edifício Aquarius (figura 15), que dá título ao filme na orla da praia de Boa viagem na cidade de Recife. E na construção da história a gente observa a sua relação com seus amigos e familiares (nesta podemos ver uma possível relação problemática com sua filha Ana Paula (Maeve Jinkings), e a investida de uma grande construtora que pretende comprar o prédio inteiro, inclusive o apartamento de Clara, a única moradora que ainda reside do antigo prédio, para assim dar lugar a um edifício mais moderno. Mas o que ela não poderia esperar era o assédio que iria sofrer por parte de grandes nomes da construtora e assim fará de tudo para que não destruam o prédio no qual mora há tantos anos.



Figura 15: Edifício Aquarius, que dá nome ao filme/Fonte: antesquesuma

Um aspecto marcante no filme é a passagem de tempo, memórias afetivas da personagem Clara são mostradas no filme, que começam por volta dos anos 1980, onde ela cria seus filhos e assim guarda grandes lembranças do local. Podemos dizer que a memória e identidade no filme de Kleber Mendonça é muito bem retratada, principalmente quando a mesma se entrelaça com a questão de gentrificação. É o moderno querendo passar por cima do antigo, uma tentativa desenfreada de apagar uma história de anos. Uma “guerra” entre uma construtora (o moderno) e o antigo, a memória, identidade (Clara), que não quer que os mesmos sejam apagados.

O filme tem como um dos principais objetivos mostrar o moderno na cidade de Recife seria isso até uma possível crítica social de que lembranças e memórias estão se

destruindo para dar lugar ao moderno, como se a história o afeto não têm mais lugar, ou pouco lugar para esse mundo pós-moderno. Segundo Costa:

O cinema se coloca, portanto, em primeiro plano nas discussões sobre a visualidade e a representação da paisagem na modernidade. Ele engaja e posiciona o espectador em um processo de modernização do olhar, bem próprio o seu tempo, concedendo a quem observa o mundo um lugar privilegiado na visualização da nova paisagem urbana que surge e se consolida nas primeiras três décadas do século XX. (COSTA, 2016, p. 4).

Talvez a grande desigualdade no filme seja uma comparação de poderes existente entre a Construtora Bonfim e a Clara, pois a construtora fará de tudo para que a personagem de Sonia Braga saia do apartamento venda o mesmo e assim a construtora consiga construir seu moderno prédio. Cenas essas de assédio são vistas desde uma festa no apartamento de cima de Clara, fezes pela escada do edifício e até mesmo um culto evangélico nas escadas do prédio. Vale ressaltar que tudo isso fora armado pela construtora.

O longa também possui outras cenas marcantes de desigualdade social, principalmente com sua empregada Janileide, onde ela se culta por explorá-la e também relacionada com sua doméstica, pois a mesma perde seu filho em um acidente de carro causado por uma pessoa de classe alta que nunca fora penalizado pelo crime. Em um momento em que as pessoas da família estão vendo fotos da família, Janileide mostra para todos a foto do seu filho morto no acidente de carro que nunca fora resolvido, em um momento equivocado talvez, mais podemos ver claramente um sentimento de raiva na personagem pela perda trágica do seu filho e que o caso não teve uma solução.

Podemos ver a nossa personagem principal possui alguns privilégios sociais, pois a mesma é moradora de um dos bairros mais importantes da capital pernambucana, um salva-vidas que a protege, o que poderia ser um possível protetor de Clara (pode-se notar que ela flerta com o mesmo, mas não se pode dizer se os dois tinham algum relacionamento), tem contatos importantes no meio jornalístico e até mesmo uma empregada. Assim podemos dizer que com um custo alto de uma capital e moradora de bairro elitizado, Clara é uma privilegiada na sociedade.

Aquarius nos remete a um novo olhar do urbano, novas paisagens, novas perspectivas que se misturam com o real e o imaginário. Vale ressaltar que a película de Kleber Mendonça filho não é uma história real, mas sim quer mostrar uma evolução do meio urbano, que o espaço social mudou ao longo dos tempos e podemos dizer que o cinema teve, ao longo se sua história um papel fundamental para mostrar essa mudança para todos nós. Este longa não fica atrás desta perspectiva.

A experiência da vida urbana edificou novas condições de percepção, e o cinema surgiu como o seu principal dispositivo artístico de representação. Afirmou-se desde então, uma linguagem sígnica onde os recortes entre o real e o imaginário são sempre traiçoeiros, na medida em que a cidade começou a ser evidenciada com uma *grafia* que confunde o vivido no espaço social com a imagem da tela cinematográfica. (BARBOSA, 2000, p. 84).

O longa, retrata problemas sociais que vão desde a ambição de uma construtora que faz de tudo para uma moradora saia de ser apartamento para poder construir um grande prédio, daí podemos ver a questão de gentrificação na história, pois é uma moradora que mora no local há mais de trinta anos, problemas de angústia, tristeza a raiva que envolvem a doméstica da Clara, pois seu filho morre e o caso nunca fora resolvido. Daí, podemos pontuar uma questão: se fosse uma pessoa de um poder aquisitivo melhor o caso teria uma solução? – Pois era um filho de uma empregada, o que deixa claro que o mesmo não faria a menor diferença para a sociedade, pois era uma pessoa de classe baixa. Conclui-se como nossa sociedade é excludente a aqueles que são considerados marginalizados.

Com a ajuda de amigos do meio jornalístico, Clara busca informações comprometedoras ligadas à construtora e assim entrará em um confronto com a empresa que a quer tirar do seu apartamento. O filme tem um final aberto, sem uma conclusão de fato. O que deixa para o público pensar em um possível final.

Aquarius foi considerado um dos grandes filmes de 2016, principalmente pelo fato de sua grande crítica social, atrelada a luta de classes, assédio a uma mulher de terceira idade, desigualdades sociais, doenças, relações familiares, memória e outros aspectos. É um filme complexo, que requer muita atenção por parte do espectador para capturar detalhes que muitas vezes nos passam batido e não conseguimos percebê-los. Possui uma belíssima fotografia da cidade de Recife, principalmente da região de Boa Viagem, onde é relatada a história. Um ótimo elenco com Sonia Braga (Clara), Humberto Carrão (Diego), Maeve Jinkings (Ana Paula), Irandhir Santos (Roberval) e entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua existência, o cinema caminha junto com a construção e o imaginário de uma cidade. A indústria cinematográfica sempre apontou avanços dentro do universo urbano, com prédios inteligentes, modernos, veículos que se movimentavam no ar, sendo isso visto facilmente em filmes futurísticos e até mesmo de ficção científica.

O cinema como forma de arte já surge numa época moderna, num período de grandes avanços científicos e grandes mudanças na vida em sociedade, não é para menos que o cinema serviu muitas das vezes como um objeto de propaganda para mostrar esses avanços sociais, avanços científicos, aspectos ligados a tecnologia e a indústria cinematográfica também evoluiu junto com a mesma. O que eram apenas imagens estáticas, sem som, preto e branco e mudo se transforma em uma grande indústria de fazer filmes que gera dos mais diversos sentimentos aos espectadores que assistem aos filmes e aqueles também que apreciam essa arte.

O cinema pode ter ajudado na construção, ou até mesmo no desenvolvimento de uma cidade e talvez de um lugar ideal, pois sua influencia é enorme perante a sociedade. Pois, os diversos filmes feitos sendo futuristas nos fizeram muito pensar quem somos hoje e também como sociedade.

Essa grande máquina de fazer filmes também tem como objetivo de fazer críticas sociais, relatando problemas dos mais diversos, como problemas ambientais, familiares, questões de saúde problemas sociais e entre tantos outros aspectos que podemos presenciar nos filmes. É cada vez mais corriqueiro presenciarmos ou assistirmos filmes que estão ligados diretamente a essas questões. Pois, podemos dizer que o cinema molda-se de acordo com aquilo o que a sociedade mais necessita e vice versa. Como já dito o cinema pode ser visto como uma grande indústria de propaganda para a sociedade.

O cinema nacional não fica atrás desta história, pois o nosso cinema vem crescendo cada vez mais em número de produções de filmes. O cinema pernambucano vem nesta linhagem de um crescente número de produções de longas que representam a vida em sociedade. Desde a primeira década do século XXI o cinema de Pernambuco vem fazendo denúncias sociais, relatando problemas em sociedade, que vão desde luta de classes, violências dos mais diversos tipos, desigualdades sociais, seca, pobreza extrema, processos de modernização nas grandes cidades. Mais precisamente em Recife, os processos de gentrificação.

Podemos concluir que nos últimos anos os filmes pernambucanos têm realizados essas denúncias para mostrarmos que precisamos melhorar e avançar enquanto indivíduos e também enquanto um grupo social. Eles nos chamam para mostrar os erros que ainda estamos cometendo e que precisamos melhorar se realmente quisermos um lugar melhor e mais justo para todos.

O cinema não tem o fito de retratar uma realidade de fato, algo que seja verídico propriamente dito, mas vemos no cinema pernambucano que histórias que são retratadas em seus filmes acontecem diariamente não só naquela região, mas também no Brasil e em diversos outros lugares. Assim podemos dizer que o cinema é também uma grande máquina de denúncia social, temida por muitas pessoas poderosas, pois é uma arte ou um meio cultural consumido por um grande número de pessoas, que nos passam histórias reais ou não. Pois um dos seus objetivos é de retratar fatos que ocorrem diariamente e que muitas das vezes fechamos nossos olhos.

BIBLIOGRAFIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/Mapeamento_SalasExibicao_2010.pdf> Acesso em: 03 dez. 2019.

AMARELO manga. Direção: Cláudio Assis. Produção: Cláudio Assis; Marcello Ludwing Maia e Paulo Sacramento. Riofilme, 2002. You Tube (103 min.), color., 35 mm.

AOUAD, Amanda. **Cine pipoca Cult.** Disponível em: <<https://www.cinepipocacult.com.br/2014/04/baixio-das-bestas.html>> Acesso em: 20 out. 2019.

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux; Saïd Ben Saïd e Michel Merkt. Vitrine filmes, 2016. You Tube (145 min.), color.

ÁRIDO movie. Direção: Lírio Ferreira. Produção: Murilo Salles. Europa filmes, 2006. You Tube (115 min.), color., 35 mm

BAIXIO das bestas. Direção: Cláudio Assis. Produção: Cláudio Assis; Júlia Moraes e Julia de Moraes. Imovision, 2006. You Tube (82 min.), color., 35 mm.

BAPTISTA, André. **Funções da música no cinema: contribuições para a elaboração de estratégias composicionais.** Belo Horizonte – MG, 2007.

BARBOSA, Jorge Luiz. **GEOgraphia.** A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. Ano II, Nº3, 2000.

COSGROVE, Denis. Mundo dos significados: Geografia Cultural e imaginação. **Geografia Cultural: um século (2).** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

COSTA, Maria Helena B. V. **Rua 10.** A cidade como cinema existencial, [20--].

_____, Maria Helena B. V. **Filme e Geografia.** Outras considerações sobre a realidade das imagens e dos lugares geográficos. Rio de Janeiro, N. 29, p. 43-54, 2011.

_____, Maria Heleva B. V. da. **Paisagens urbanas e lugares utópicos no cinema brasileiro.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Barcelona, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2 – A imagem - tempo.** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo – SP, editora 34, 2018.

FILHO, Alfredo Pereira de Queiroz. **Mercator**. Sobre as origens da favela. Fortaleza, v.10, n. 23, p. 33-48, 2011.

FIORAVANTE, Karina Eugenia. **Ateliê Geográfico**. Geografia e cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento. Goiânia – GO, v. 12, n. 1, p. 272-297, 2018.

GERALDO, Cloves. **Vermelho**. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=879&id_coluna=13.

GOMES, Eduardo Duarte. **Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Cinema: a estética do ciclo do Recife. São Bernardo do Campo - SP, 1994.

JÚNIOR, Gervásio Hermínio Gomes. **Revista de Geografia (Recife)**. Outras espacialidades no cinema produzido em Pernambuco, V. 35, Nº 1 (especial), 2018.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Traduzido por Fabiano Moraes; Rio de Janeiro, editora Sextante, 2011.

LA ROCCA, Fabio. **Encontro de paisagens**. A visão da paisagem no cinema: entre sonho e imaginário. P.47-56, 2012.

NEVES, Alexandre Aldo. **Cinema e Geografia: em busca de aproximações**. Espaço Plural, ano 8, Nº 16, 2007.

NEVES, Alexandre Aldo; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **Revista Percurso – NEMO**. A paisagem geográfica no cinema. Maringá, v. 3, n. 1, p. 163-181, 2011.

O som ao redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux. Vitrine Filmes, 2012. You Tube (131 min.), color., 35 mm.

PADILHA, Isabel. **Diversidade cinematográfica**. O cinema de fato e de ficção. Porto Alegre, nº20, 2008.

PEREIRA, Victor Hugo Alder. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Documentos da pobreza, desigualdade ou exclusão social. Brasília, n.30, p. 11-26, 2007.

PRYSTHON, Angela. **Representações urbanas no cinema latino-americano contemporâneo**. Recife, [20--].

QUEIROZ, Pietro Renato Félix de. **Tramas imagéticas da cidade anfíbia: a geografia do cinema de Recife**. Recife, 2017.

RIBEIRO, Alexandre Vieira. **Aspectos comparativos do tráfico de africanos para o Brasil (Séculos XVIII e XIX)**. 83-126, 2004.

SANGION, Juliana. **Realismo e Realidade no Cinema Brasileiro - De Rio, 40 graus a Cidade de Deus**. Limeira – SP, [20--].

SILVA, Leandro de Jesus da. **Sertões em movimento: o nacional popular e o contemporâneo em Deus e o Diabo, Árido Movie e Baile Perfumado**. Feira de Santana – BA, 2015.

SILVA, Paulo Henrique. **100 melhores filmes brasileiros**. Belo Horizonte - MG, Letramento, 2016.

SILVEIRA, Manoela Falcon. **A reconfiguração da nordestidade: imagens do espaço Nordeste em Árido Movie, 2000 Nordestes e na trilogia do escritor Antônio Torres**. Salvador – BA, 2014.